

“O celular é o avô dos WaiWai”. Tecnologias e domesticação das redes e mídias sociais entre os WaiWai

“The cell phone is WaiWai’s grandfather.” Technologies and domestication of networks and social media among the WaiWai

“El celular es el abuelo de los WaiWai”. Tecnologías y domesticación de las redes y medios sociales entre los WaiWai

Alexandre Aniceto de Souza¹
Carlos Machado Dias Jr.²

Dossiê: Cosmopolíticas Amazônicas e Reflexividades Indígenas

Artigo de pesquisa. Editores: Gilton Mendes dos Santos; Juan Álvaro Echeverri.

Recebido: 2018-08-07. Devolvido para revisão: 2018-09-21. Aceito: 2018-10-24.

Como citar este artigo: Souza, A., & Dias Jr, Carlos M. (2019). “O celular é o avô dos WaiWai”. Tecnologias e domesticação das redes e mídias sociais entre os WaiWai. *Mundo Amazônico*, 10(1): 39-50.

<http://dx.doi.org/10.15446/ma.v10n1.74093>

Resumo

Propomos abordar alguns aspectos das mídias e redes sociais no contexto da organização social do povo indígena WaiWai na Amazônia brasileira. O foco da descrição são os moradores da comunidade Anauá, localizada no município de São Luiz do Anauá no sul do estado de Roraima. Os WaiWai, como são chamados hoje e assim se autodenominam, é um coletivo complexo e difuso que há cerca de 60 anos convive em grandes aglomerados, domesticando o mundo dos brancos e transformando as tradições culturais de seus antepassados pré-colombianos. Faz parte de suas vidas as tecnologias modernas do mundo ocidental, motores de popa, espingardas, automóveis, eletrodomésticos, celulares, computadores, etc. Atualmente se observa com muita frequência os WaiWai circulando pelas vilas, cidades e capitais amazônicas, portando celulares e conectados em redes sociais. Descrever algumas relações estabelecidas entre eles, a partir das transformações proporcionadas pelas mídias e redes sociais, em articulação com suas próprias formas de organização e gestão territorial, é o ponto central deste artigo. Em acordo com a maioria dos jovens abordados, o celular ocupa um lugar importante no registro de suas diferenças frente aos brancos. Como observou um deles: “o celular é o avô dos WaiWai, guarda a nossa memória e pode explicar tudo que a gente não sabe”. Ocupando três Terras Indígenas no Brasil e um Território Reservado na Guiana, conectados pelas redes sociais como o Facebook, Instagram e Youtube, os jovens passaram a circular mensagens, fotos, vídeos e articular encontros virtuais e reais.

Palavras chave: Povos ameríndios; tecnologias; redes e mídias sociais; transformações culturais.

¹ Graduado na Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto INSIKIRAN de Formação Superior Indígena da UFRR. Atualmente cursando Mestrado em Antropologia Social pela UFAM. pawankasko@gmail.com

² Professor Associado do PPGAS/UFAM, pesquisador do NEAI. carlosmdiasjr@gmail.com

Abstract

We propose to address some aspects of the media and social networks in the context of the social organization of the WaiWai indigenous people in the Brazilian Amazon. The focus of the description is the residents of the Anauá community, located in the municipality of São Luiz do Anauá in the southern state of Roraima. The WaiWai, as they are called today and so call themselves, is a complex and diffuse collective that for 60 years has lived in large clusters, taming the world of whites and transforming the cultural traditions of their pre-Columbian ancestors. Modern western technologies, outboards, shotguns, automobiles, appliances, cell phones, computers, etc. are part of their lives. Nowadays, the Waiwai are often seen circulating around the villages, cities and Amazonian capitals, carrying cell phones and connected in social networks. To describe some relationships established between them, from the transformations provided by the media and social networks, in articulation with their own forms of organization and territorial management, is the central point of this article. In agreement with the majority of the youngsters approached, the cellular occupies an important place in the registry of their differences against the whites. As one of them observed, "the cell phone is the WaiWai's grandfather, it keeps our memory and can explain everything we do not know." Occupying three Indigenous Lands in Brazil and a Reserved Territory in Guyana, connected by social networks like Facebook, Instagram, and YouTube, the young people began to circulate messages, photos, videos and articulate virtual and real encounters.

Keywords: Amerindian peoples; technologies; networks and social media, cultural transformations.

Resumen

Proponemos abordar algunos aspectos de los medios y redes sociales en el contexto de la organización social del pueblo indígena WaiWai en la Amazonia brasileña. El foco de la descripción son los moradores de la comunidad Anauá, ubicada en el municipio de São Luiz do Anauá en el sur del estado de Roraima. Los WaiWai, como son llamados hoy y así se autodenominan, es un colectivo complejo y difuso que hace unos 60 años convive en grandes aglomerados, domesticando el mundo de los blancos y transformando las tradiciones culturales de sus antepasados precolombinos. Es parte de sus vidas las tecnologías modernas del mundo occidental, motores de popa, rifles, automóviles, electrodomésticos, celulares, ordenadores, etc. Actualmente se observa con mucha frecuencia los WaiWai circulando por las villas, ciudades y capitales amazónicas, portando celulares y conectados en redes sociales. Describir algunas relaciones establecidas entre ellos, a partir de las transformaciones proporcionadas por los medios y redes sociales, en articulación con sus propias formas de organización y gestión territorial, es el punto central de este artículo. De acuerdo con la mayoría de los jóvenes abordados, el celular ocupa un lugar importante en el registro de sus diferencias frente a los blancos. Como observó uno de ellos: "el celular es el abuelo de los WaiWai, guarda nuestra memoria y puede explicar todo lo que la gente no sabe". Ocupando tres Tierras Indígenas en Brasil y un Territorio Reservado en Guyana, conectados por las redes sociales como Facebook, Instagram y YouTube, los jóvenes pasaron a circular mensajes, fotos, videos y articular encuentros virtuales y reales.

Palabras clave: pueblos amerindios, tecnologías, redes y medios sociales, transformaciones culturales.

Antecedentes

Este artigo, produzido a quatro mãos, resulta da relação de um aluno (indígena) e um professor (não-índio), envolvidos na construção de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas/PPGAS-UFAM. Trata-se, portanto, de um experimento novo e pouco usual para ambos os autores que, aproveitando a ocasião, buscaram levantar questões de ordens mais abrangentes sobre os povos WaiWai e o próprio exercício da antropologia³.

O aluno nasceu em 1989 na Comunidade WaiWai do Jatapuzinho, onde permaneceu até os 13 anos quando foi com seus pais morar na comunidade

Anauá, situada na Terra Indígena do Anauá, no Estado de Roraima, Brasil. Após se graduar no curso de licenciatura intercultural indígena INSIKIRAN, na Universidade Federal de Roraima, em 2016 Alexandre foi aprovado no mestrado do PPGAS/UFAM em Manaus, onde atualmente finaliza sua dissertação de mestrado.

O professor fez mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo, entre 1996 e 2006, período em que conviveu cerca de dois anos com os WaiWai, concentrando pesquisa na comunidade do Jatapuzinho, Terra Indígena Trombetas-Mapuera. Em 2006, mesmo ano em que defende sua tese, foi aprovado para o cargo de professor na UFAM com objetivo de instituir um Programa de Pós-graduação em Antropologia no Norte do Brasil, em Manaus⁴.

Neste contexto, em 2016, ambos se reencontram, agora em uma relação de professor e aluno, experimentando novas possibilidades para o exercício da antropologia a partir da presença dos “novos agentes” (os índios) no campo da formação, sistematização, produção e análise etnográfica nas Terras Baixas Sulamericanas.

Índio, WaiWai: um complexo e contínuo processo de transformação

Ewka, avô paterno do aluno, foi um dos líderes importante na condução das mudanças que, a partir de 1949, levaram os residentes daquela casa (*Yakayaka*) a conduzirem grandes transformações em suas vidas. Mudanças que afetaram muitas outras casas coletivas semelhantes que mantinham amplas redes de trocas milenares entre umas e outras. Essas mudanças, informam as fontes etnográficas, configuram um processo contínuo de transformações que alguns antropólogos passaram a chamar de “waiwaização” (Howard, 1993, 2001; Dias Jr. 2006, 2013). Esse mesmo processo também foi chamado de “evangelização” pelos missionários que foram grandes agentes e participaram dele, desde o início⁵. O importante aqui é notar a construção de um conjunto de novas regras entre os moradores de *Yakayaka* estabelecidas com as muitas outras casas situadas entre os dois lados da Serra do Acaraí, divisa do Brasil com a Guina. Essas transformações que sempre desafiaram as etnografias modernas seguem também como foco dos interesses da pesquisa do presente aluno WaiWai em sua dissertação de mestrado.

A história dos WaiWai, como a de muitos outros indígenas na Amazônia, é marcada por este fato, muito importante e recente, do convívio permanente com não-índios. Foi a partir desse encontro, em 1949, que aquelas pessoas de *Yakayaka* começaram a entender que são índios e ao mesmo tempo que eram os WaiWai. Assim também, em tempos distintos e com pequenas variações, foi o que se deu com os demais povos indígenas na Amazônia, os Yanomami (Ramos, 2008, 2014; Do Pateo 2005), os Tukano (Andrello, 2004, 2016), os Kayapó (Turner, 1991), Tirió (Rivière, 1969), os etc. Esses entendimentos e

acertos constituem processos específicos de transformações da vida social, os quais muitas vezes começam com a aglomeração e sedentarização das casas coletivas. Portanto, antes de conviver com os brancos em *Yakayaka*, aqueles que ali residiam não sabiam que eram índios e, tampouco, que eram os WaiWai. Hoje, em certos contextos e ocasiões, todos afirmam que são WaiWai. Mas, se por um lado, é fácil afirmar isso; por outro, é muito difícil definir com precisão quem são os WaiWai. Inclusive entre eles mesmos.

Conta um importante líder, hoje residente na Terra Indígena do Anauá comunidade *Xaari*, que antes de conhecer os missionários eles não se preocupavam com essa questão: quem somos nós? Sabiam com um pouco mais de precisão quem eram alguns outros, em especial aqueles que chamavam de *parukuotó*. Na tradução do velho líder, os *parukwotó* era os “macacos sem vergonha”. Pessoas que viviam sem muitos princípios éticos nem moral e costumavam, por isso mesmo, atacar e roubar tudo que encontravam pela frente. Mas, eles mesmos, não se preocupavam com essa questão de ficar definindo quem eram. Mais importante era saber por onde andavam, com quem andavam, onde estavam aqueles outros com os quais trocavam bens, mulheres, festas, saberes, feitiços, guerras, vinganças, etc.; aqueles que pouco a pouco foram virando índios e, mais especificamente, WaiWai.

As pessoas moravam em uma casa grande que tinha um líder responsável por reunir, proteger e manter todos juntos. O que não expressava uma relação de pertencimento à casa, afinal ninguém estava condenado a morar ali para sempre. Essas casas estavam separadas por curtas e/ou longas distâncias e eram identificadas por um nome que podia ser uma referência qualquer ao líder, um animal, uma planta, ou um fenômeno natural qualquer.

Com a chegada dos missionários, em 1949, tudo começou a mudar. Conta o mesmo velho líder do Anauá, que era criança no momento em que os missionários chegaram em *Yakayaka*:

... naquele tempo nós ainda estávamos dormindo, não sabíamos que éramos os Waiwai, vivíamos sem saber a verdade, com *kworokyan* o Diabo, fazendo guerras, feitiços... hoje sabemos. Não fazemos mais aquelas coisas erradas... (i.p., 2017).

Contextos urbanos e desafios tecnológicos: na Terra Indígena do Anauá

As duas Comunidades da Terra Indígena do Anauá, a Comunidade do Anauá e a mais recente Comunidade do Xaari, estão cada vez mais interligadas com os contextos urbanos. O fácil acesso às vilas do Caroebe, São João da Baliza e São Luiz do Anauá, facilitou e intensificou o acesso aos produtos industrializados e, sobretudo, aos modos de vida das cidades. As novas tecnologias de comunicação levaram mais recentemente a sensíveis transformações na vida cotidiana dos moradores do Anauá. Assim como nas demais Comunidades WaiWai.

As mídias sociais (Facebook, Instagram) são adotadas com muita rapidez e as transformações no fazer da Comunidade são igualmente aceleradas. Muitas crianças e jovens se expõem desde cedo a aparelhos de televisão, celular e computadores conectados na internet. O que é visto, por um lado, de modo muito positivo dado às oportunidades de compartilhar seus momentos cotidianos; como eles mesmos desejam e afirmam. Mas, por outro lado, grande parte das crianças e jovens passam a ter um acesso cada vez menor e limitado às suas próprias histórias e tecnologias; observam alguns adultos e velhos à revelia do que pensam e dizem os jovens.

Fato é que o conhecimento produzido pelos WaiWai nestes espaços, constituídos com as novas tecnologias, acaba encontrando estratégias criativas de inserção no circuito das aldeias e das cidades. É importante observar, como atentam alguns deles, que essas mídias têm servido para dar visibilidade e ‘guardar’ a história e a vida cotidiana nas Comunidades. Desse modo, chegando a ser reconhecida por alguns jovens como a memória da sua história, da sua comunidade e do próprio povo WaiWai. Esses recursos tecnológicos atraem os jovens e faz com que se sintam incluídos não apenas no mundo tecnológico dos brancos, mas também no seu próprio universo WaiWai, articulado pelas redes sociais onde passaram a se encontrar virtualmente também. Neste contexto, de eventuais perdas e ganhos, entendemos que a cultura WaiWai é transformada e diluída nas redes sociais, não obstante, sem um risco de extinção. Certo é que esse fato acarretou em alguns arranjos e ordenamentos das lideranças que passaram a estabelecer novas normas para o uso das tecnologias associadas a as redes virtuais.

Ainda que de modo bastante preliminar, levantamos alguns impactos mais imediatos causados pelos artefatos tecnológicos das mídias digitais na vida cotidiana dos WaiWai. O sentido e a dimensão mais profunda dessas transformações merecem mais estudos e observações do que temos e ora apresentamos de modo preliminar e incipiente. Vejamos.

Formas de comunicação e estratégias de domesticação das tecnologias

A etnografia da antropóloga Catherine Howard⁶, em termos descritivos e analíticos, orienta e nos inspira aqui a tratar da parte principal do nosso texto. Certo é que, 30 anos depois da pesquisa de campo de Howard, muitas coisas mudaram na vida e nas “estratégias Waiwai” para a “domesticação das mercadorias”. Se antes as expedições de busca aos *enûn-komo* / “povos não-vistos” mobilizavam os processos de aglomeração e dispersão, hoje, “equipamentos públicos” (escolas, postos de saúde, pista de pouso, poços artesanais, estradas, etc.) instituem as *comunidades* e dificultam a dispersão. No mesmo sentido, vale notar sem prejuízo para o trabalho de Catherine, as

novas estratégias antropológicas para abordar o tema das trocas interétnicas também deixaram de lado inspirações teóricas associadas à eventuais formas de “resistências”, que muitas vezes levaram a conclusões pessimistas sobre o futuro dos povos não-ocidentais, como os WaiWai e tantos outros (cf. Sahlins, 1985; Albert & Ramos, 2000). Em linhas gerais, não se trata mais de olhar para esses processos em busca de “resistências”, mas, sobretudo, de transformações dirigidas pelos próprios índios.

Não é nosso interesse aqui entrar nos méritos desta reconstrução teórica e tampouco no rico debate suscitado sobre as teorias da troca na antropologia⁷. Antes, importa-nos seguir as pistas precisas e contundentes da etnografia de Catherine Howard que, ao nosso ver segue inspirando nossa iniciativa para abordar o ponto que aqui nos interessa: as estratégias e a domesticação das tecnologias pelos WaiWai no mundo de hoje. Como bem observou nossa inspiradora colega: “O intercâmbio desses bens, longe de ser apenas uma troca de objetos utilitários, gerou a circulação de novos significados e poderes cristalizados em forma material” (2000:25). A despeito da autora estar se referindo, naturalmente, aos objetos trocados em meados dos anos de 1980, destacamos a validade de sua observação para pensarmos nos bens (materiais e virtuais) trocados nos dias de hoje. Afinal, veremos que eles também proporcionam “a circulação de novos significados e poderes cristalizados em forma material” (idem). Ocupando de modo expressivo o debate e as indagações WaiWai sobre seus próprios conceitos e desejos pelas tecnologias; reformulando regras e formas de organização da vida coletiva tal qual instituem ainda hoje. Vejamos.

As novas formas de comunicação (virtuais) proporcionadas pela internet e seus desdobramentos na Comunidade do Anauá é o foco do nosso ponto. Para a maioria das pessoas que foram abordadas, com idade variando entre 10 e 60 anos, o uso do celular com armazenamento de dados em cartões de memória é importante para um registro da cultura. Assim, as novas gerações poderão no futuro saber como seus pais e avós viviam.

É importante guardar as histórias dos nossos antepassados, nós WaiWai não estamos acostumados a guardar em papeis escritos algo assim, mais que essas ferramentas estão servindo para o nosso dia-dia onde podemos gravar as festas da Pascoa do Natal entre outros, mais sempre guardamos em nossas memórias como diziam nossos antepassados, porque os que viveram naquela época estão indo embora só nos resta guardar suas histórias para que um dia possamos repassar para os nossos filhos e netos. (i.p. Elida WaiWai).

Para outros, mesmo alguns adultos que não dominam essas tecnologias, a chegada dessas novas ferramentas não são ameaças para que os WaiWai sigam com suas diferenças. Ao contrário, elas podem até mesmo ser vistas como artifício para que suas diferenças sobrevivam diante de outros mundos, como o dos brancos:

Eu como uma mulher WaiWai, acho ótimo a utilização dessas ferramentas para nós “WaiWai gente”. É uma diversão estamos imitando e usando a ferramenta dos brancos que não são do nosso mundo, mais que aprendemos a gostar tão rápido. Mas os não índios nunca imitam agente, essas tecnologias como vocês chamam, é para mim uma forma de mostrar a nossa cultura... eu entendo assim”. (Tĩhkĩwĩ WaiWai, i.p., 2016)

Não obstante, constata-se também na fala de jovens e adultos um certo receio de que a história do seu povo possa se perder. O envolvimento com as novas tecnologias desperta cada vez mais o interesse dos jovens, em detrimento de qualquer outro item da cultura tradicional. Por mais que alguns acreditam que todas essas preocupações não sejam tão devastadoras a ponto de acabar com as tradições WaiWai, é alarmante para muitos deles a rapidez com que as novas mídias entraram na vida cotidiana das aldeias e, em especial envolvendo jovens e crianças no Anauá. Como observamos acima, uma estrada que liga as Comunidades do Xaari e do Anauá à BR-174, dá acesso aos vilarejos onde é possível a conexão dos celulares em bandas 3G e o uso de computadores em lan house. Mais recentemente ainda, com a aproximação das eleições um candidato “presenteou” os WaiWai do Anauá com uma antena de Wi-Fi e agora eles têm acesso na própria Comunidade. Facilidades essas que permite um expressivo fluxo das redes sociais WaiWai (Facebook, WhatsApp e mais recentemente Instagram) e trazem preocupações para alguns velhos e, em especial, algumas as lideranças.

Fato é que assim como em muitas outras regiões do mundo, no Brasil e na Amazônia, as tecnologias invadiram o dia a dia das pessoas. E não é preciso nem mesmo sair das aldeias para acessar muitas dessas tecnologias, aparelhos de DVDs, TVs, filmadoras, rádios, telefones celulares, câmeras, laptops e computadores. Rede de energia elétrica também podem ser encontradas em muitas Comunidades WaiWai, como no Xaari e Anauá. Os aparelhos sofisticados passaram a fazer parte da vida pessoal e profissional de muitas pessoas nas aldeias. Da mesma maneira, os WaiWai foram atraídos pelos encantos desses aparatos tecnológicos. Eu mesmo, como um WaiWai, ressalto que essas tecnologias foram levadas pela curiosidade dos jovens que passaram a circular com frequência pelas vilas, cidades e capitais, contribuindo para a inserção cada vez maior e mais intensa dos jovens nos contextos urbanos. Esse contato com as mídias foi incorporado à cultura indígena de muitas formas e com muitos interesses diferentes, acarretando em mais um elemento importante e inevitável de transformação da vida social WaiWai.

Nesse sentido, e de variadas maneiras, as Comunidades WaWai passaram a conviver com essas novas mercadorias tecnológicas. E isso, como vimos, não é de todo ruim. Todos sabem que é uma ferramenta importante para proporcionar encontros e por isso mesmo reforçar as particularidades sociais e culturais dos povos. Existem muitos coletivos WaiWai espalhados pelas redes sociais, onde todos se comunicam na própria língua⁸. Como em

qualquer outro desses coletivos virtuais, entre os WaiWai podemos encontrar um pouco de tudo. Coisas boas e ruins; encontros entre pessoas que vivem muito distantes e nunca tiveram oportunidade de se encontrar; jovens com provocações às regras de boa conduta recomendáveis pelas lideranças. Enfim, um pouco de tudo.

Neste contexto, o que se nota também é uma preocupação de muitos adultos e jovens para manter certos princípios e regras ameaçados por essas novas tecnologias. Por exemplo, no que diz respeito as trocas matrimoniais, entre os WaiWai os casamentos quase sempre foram articulados pelos núcleos domésticos, com forte participação dos pais dos cônjuges. O acesso às redes sociais permitiu aos jovens se encontrarem e, sem a participação dos pais que não dominam as redes virtuais, marcarem encontros e se envolverem resultando até mesmo em casamentos. Entre os WaiWai as redes virtuais podem acarretar em outros problemas também, pois, não é de bom tom que as meninas se exponham no mundo virtual.

... nós como menina WaiWai, para nossos pais daqui do Anauá é ruim uma menina usar celular e rede sociais tudo e proibido. Apenas os homens têm esse direito de usar as redes sociais, assim como só homem tem que estudar e mulher tem que ficar com sua mãe e o pai enquanto que os meninos voam conhecendo melhorias. Então, aqui no Jatapuzinho e lá no Mapuera, isso é proibido por nossos pais, assim como pastores e lideranças que são responsáveis pela proibição... Para nós meninas, essas ferramentas de tecnologia que estamos usando é para conversar com amigos que estão longe e que são parentes também. Isso não deve ser proibido, como eles dizem que mulher WaiWai não pode usar, só homem. Para mim é errado. Por que eles têm medo de perder poder, porque se uma menina de alguns irmãos da igreja, seja qualquer menina, por exemplo, tirar uma foto com um rapaz e publicar no grupo ou Facebook, perde total confiança dos outros membros da comunidade e ficam dizendo que a filha de tal pessoa está assim. Então não deve assumir qualquer coisa que for da comunidade por que a filha deles está assim, talvez o medo é isso. Mais não sabem que muitas já estão utilizando sem que seus pais saibam, tem celular, grupo de WhatsApp e Facebook. A mulher é muito importante para formar um grupo WaiWai. Sem mulher não existiria xereu, katwena, mawayana, e WaiWai também. Eu penso assim (i.p, 2016).

De modo geral, para os WaiWai as relações com o mundo dos brancos sempre foi um papel dos homens e ainda hoje eles pensam assim. As mulheres encontram muito mais dificuldades para falar o português do que os homens, o que dificulta estabelecer relações com os brancos. Ainda hoje as meninas encontraram muitas resistências para seguir seus estudos além do ensino médio, pois isso implica em sair da Comunidade por um período para estudar nas cidades.

No ano passado, 2017, a secretaria de educação de Roraima abriu novas vagas para a formação em licenciatura indígena e pediu para que os WaiWai do Anauá selecionassem um grupo de meninas. O fato acarretou em longas

negociações entre as lideranças e os pais que, inicialmente, se recusaram a enviar suas filhas para estudar na Capital. As próprias mães se recusaram a concordar com a ideia de suas filhas irem para Boa Vista estudar. Depois de longas conversas e negociações algumas concordaram e aceitaram que suas filhas fossem estudar longe da Comunidade por um período.

É assim entre os WaiWai, os homens sempre pensavam que as mulheres não devem ficar se expondo muito no muno dos brancos e muitas delas concordavam com isso. Mas, os tempos estão mudando e hoje algumas mulheres passaram a questionar tudo isso, como vimos no depoimento acima. Muitos homens também começaram a mudar suas ideias apoiar as mulheres que querem estudar, trabalhar, ganhar dinheiro e fazer todas essas coisas que antes só os homens podiam fazer.

Apontamentos finais

Ainda que de modo muito preliminar, vimos aqui como as novas tecnologias entram no universo WaiWai proporcionando muitas questões e pontos de vistas. Para muitos, os celulares e computadores são perigosos por ameaçar o controle, a ordem e a da vida social; para outros, ao contrário, elas reforçam as diferenças WaiWai frente ao mundo dos brancos sem nenhum risco para a cultura. Acreditamos que ambas as interpretações são legítimas e acertadas, por mais paradoxal que isso possa parecer. Há 50 anos, os próprios antropólogos temiam e anunciavam o fim da cultura WaiWai com a chegada dos missionários e do mundo dos brancos (Fock, 1963). Muitos WaiWai também pensava assim naquela época.

Hoje os antropólogos não acreditam mais que as mercadorias do mundo ocidental possam acabar com a cultura dos povos indígenas. Como muitos demonstraram, o que se nota entre os povos amazônicos a partir das “cosmologias do contato” são processos engenhosos de “domesticação dos brancos” pelos “índios”, em todos os lugares (Albert & Ramos, 2001). Esses processos foram observados em muitos outros lugares onde os antropólogos passaram a olhar com mais atenção para os contextos de encontros interculturais, permitindo falar até mesmo em uma expressiva “indigenização da modernidade”, (Sahlins, M., 1997).

Da mesma maneira, acreditamos que os WaiWai foram atraídos pelos encantos dos aparatos tecnológicos, e ressaltamos que essas tecnologias não são uma ameaça à cultura, esse contato com as mídias foi incorporado à cultura WaiWai. Como vimos, hoje é comum encontrar nas comunidades Indígenas aparelhos de DVDs, TV, filmadoras, rádios, telefones celulares, câmeras e computadores. Assim como as redes de energia elétrica que são cada vez mais encontradas nas Comunidades WaiWai, todas as mercadorias do mundo dos brancos proporcionaram sim importantes transformações e, ao mesmo tempo, foram transformadas pelo universo WaiWai.

Nesse sentido os WaiWai hoje passaram a utilizar e consumir produtos dessa sociedade de informação. Devemos pensar que isso revela uma oportunidade de “capturar” novas formas de registrar relatos e acontecimentos para socializa-los na cultura indígena, não somente entre os mais jovens, mas com toda a sociedade indígena e não-indígena. O jovem WaiWai transita por outros espaços e se constitui também em outras referências, já que ele pode ser um eleitor, um estudante, pode receber uma bolsa assistencial do governo, ter um número de celular, usar smartphones, MP3, conviver com jovens da sociedade envolvente. Muitos WaiWai pensam assim,

Bem, nos somos livres para andar por onde quisemos, livres para navegar, livres para conversar com nossos parentes que estão distantes, são eles que trazem informações dos nossos parentes para mim, eles estão no momentos deles... assim como nossos antepassado tiveram suas diversões... hoje somos cidadão brasileiro, temos RG, CPF, certidão de nascimento e outros documentos, então podemos entrar na cidade, posso ir a Manaus, a São Paulo, e tudo... vi que o RG e o CPF eles tem espíritos dos brancos que significa tudo para eles, para mim e um papel com uma imagem que não fala. Então vejo que as crianças estão se aventurando e trabalhando para que um dia eles mesmo possam nos defender e divulgar nossas histórias. (i.p., 2016)

Portanto, essa tecnologia é uma realidade que adentrou a vida dos WaiWai e está conciliada com as suas tradições. Do mesmo modo que pode ser aplicada como recurso didático na educação, levando em conta a memória e história WaiWai, é vista por muitos como ferramenta de afirmação cultural. Novamente é a jovem WaiWai que se manifesta sobre a importância da utilização dos recursos tecnológicos:

“Acho ótimo a utilização dessas ferramentas para nós “WaiWai gente, é uma diversão, estamos imitando e usando a ferramenta dos brancos, mais eles nunca imitam a gente. Também é uma forma de mostra a nossa cultura para os jovens e crianças... o celular é o avô dos WaiWai, guarda a nossa memória e pode explicar tudo que a gente não sabe”.

Os WaiWai, como também vimos, um dia não sabiam que eram os WaiWai. Isso não faz muito tempo. Ser WaiWai, portanto, é participar desse mundo complexo de transformações que existe há muito mais tempo do que a própria ideia de ser WaiWai. Ter uma cultura, ser cristão, diferente dos brancos, depender das mercadorias, usar as tecnologias modernas e ter todos esses itens na vida cotidiana das Comunidades hoje, é justamente o que confere particularidade ao mundo WaiWai. Claro que a isso devemos acrescentar de modo igualmente essencial a língua falada e escrita grafada pelos missionários, os modos de plantar roçados, coletar frutos, caçar, pescar, fazer festas, etc. Tudo isso, enfim, por mais distinto e confuso que possa ser é o modo WaiWai de ser. Ontem, como hoje, como amanhã estaremos sempre diante desse contínuo e complexo processo de transformações. Desafiando teorias, descrições e análises.

Notas

³ Os registros etnográficos descritos neste artigo são de autoria do aluno WaiWai, mestrando no PPGAS/UFAM. A descrição é de responsabilidade dele e seu o professor orientador, os quais assinam juntos e assumem os riscos de eventuais equívocos analíticos.

⁴ Com o apoio e interesse dos demais colegas que juntos construímos a proposta, pouco depois, em 2010 instituímos vagas reservadas para indígenas e negros no processo de seleção do PPGAS/UFAM. Hoje o Programa soma um total de 11 mestres indígenas e conta com 18 alunos no mestrado e 4 no doutorado.

⁵ Inicialmente Unevangelized Fields Missions/UFM e, a partir de 1968, ao migrarem para o território brasileiro passaram a se identificar por Missões Evangélicas da Amazonia/MEVA (cf. Caixeta, 1999; Dias Jr., 2006).

⁶ Realizada entre os anos de 1984 e 86, nas Terras Indígena Anauá e Trombetas Mapuera (Comunidades do Kaximi e Jatapuzinho, respectivamente), o trabalho de Catherine Howard segue sendo umas das principais referências sobre os WaiWai. Seu brilhante texto “A domesticação das mercadorias: estratégias WaiWai”, publicado no ano 2000 (cf. Albert & Ramos, 2000) é o que melhor nos conduz e inspira para tratarmos do ponto em tela. Agradecemos a autora pela seriedade de seu trabalho, a generosidade de sua pessoa e a parceria para tratarmos dos temas que envolvem o WaiWai.

⁷ Para quem se interessar sugerimos os trabalhos de Barbosa que abordou as trocas na região das Guianas (Gallois, D. Org., 2005).

⁸ Em um rápido levantamento localizamos sete grupos no facebook. Quase todos nominados na língua e formados por estudantes e professores: WaiWai rowon yauno komo, alunos e professores da Comunidade do Anauá, Roraima; Tamikan yauno kom, estudantes do curso de magistério, Comunidade Anauá, Roraima; WaiWai/UFRR, estudantes na Universidade Federal de Roraima, Boa Vista; Estudantes WaiWai/Ixamna, alunos da Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA; Indígenas da Calha Norte; alunos em Santarém, Pará; Estudantes/12/2013/2014, Oriximiná, Pará.

Referências

- ANDRELLO, G. L. (2004). *Iauretê: transformações sociais e cotidiano no rio Uaupés* (alto rio Negro, Amazonas). UNICAMP.
- ANDRELLO, G. L. (2016). Nomes, posições e (contra) hierarquia. Coletivos em transformação no alto rio Negro. *Revista de Antropologia*, 18(2), 57-97. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2016v18n2p57>
- BARBOSA, G. C. *Das Trocas de Bens, Em Redes de relações nas Guianas*, Gallois, D. (org.), EDUSP, São Paulo/SP.
- DIAS JR. C. (2006). *Entre linhas de uma rede. Entre linhas Waiwai*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.
- DO PATEO, R. D. (2005). *Niyayou: antagonismo e aliança entre os Yanomam da Sraa das Surucucus* (RR). (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- FOCK, N. (1963). *Waiwai: Religion and society of na Amazonian tribe*. Tese de doutorado em Antropologia, The National Museum, Copenhage.
- HOWARD, C. (2002). A domesticação das mercadorias. Estratégias Waiwai.

Em: *Pacificando o Branco; cosmologia do contato norte amazônico*. Albert & Ramos (orgs.), São Paulo, EDUSP/UNESP/Imprensa Oficial do Estado. <https://doi.org/10.4000/books.irdeditions.24722>

- GALLOIS, D. (2005). *Redes de relações nas Guianas*, EDUSP, São Paulo/SP.
- QUEIROZ, R. C. (1999). *A saga de Ewka: epidemias e evangelização entre os Waiwai. Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. R. Whright, R. (org), Campinas, Ed. UNICAMP.
- RAMOS, A. R. (2012). Native and National in Brazil: indigeneity after Independence. *Hispanic American Historical Review*, 94,711-712. <https://doi.org/10.1215/00182168-2802870>
- RAMOS, A. R. (2008). Nomes Sanumá entre gritos e sussuros. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. 12(1), 59-69. <https://doi.org/10.4000/etnografica.1606>
- RIVIÈRE, P. (1969). *Mariage among the Trio. A principle of Social Organisation*. Oxford: University of Chicago.
- SCHULER ZEA, E. (2010). Por caminhos laterais: modos de relação entre os Waiwai no Norte Amazônico. *Antropologia em Primeira Mão*. 119, 1-27.
- SAHLINS, M. (1997). O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). *Mana*. 3(2), 103-150. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000200004>
- TURNER, T. (1991). *Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó*. University of Chicago, Cornell University.